



A PLATAFORMIZAÇÃO E A FINANCEIRIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NAS REDES PÚBLICAS ESTADUAIS BRASILEIRAS EM 2024

The platformization and financialization of education in brazilian state public networks in 2024

La plataformización y la financialización de la educación en las redes públicas estatales brasileñas em 2024

Vinícius Eduardo Wassmansdorf¹, Rhoberta Santana de Araújo²

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – João Pessoa/PB, Brasil

RESUMO

A morfologia atual do capitalismo envolve a financeirização e a plataformação mediadas por tecnologias digitais. Na educação, a inserção de plataformas e outras tecnologias com mecanismos de captura de dados de professores e estudantes tem sido chamada por pesquisadores de plataformação da educação (Poell; Van Djick, 2018). Tal fenômeno se intensificou com a pandemia de Covid-19 e, mesmo após o fim do isolamento social, diversas plataformas e ferramentas digitais têm sido utilizadas na educação das redes públicas, e com diversas implicações na educação. Assim, o presente trabalho tem como objetivo contribuir para o debate a partir de um mapeamento e análise da presença de plataformas educacionais privadas e financeirizadas nas redes estaduais brasileiras no ano de 2024. A metodologia para levantamento de dados e mapeamento das plataformas educacionais envolveu pedidos de informações junto às secretarias estaduais de educação baseados na Lei de Acesso à Informação (Brasil, 2011), além de buscas na internet. Os resultados indicam a presença de plataformas privadas e financeirizadas em praticamente todas as redes estaduais, com capitais e empresas nacionais e estrangeiras, sejam *bigtechs*, *edtechs* ou corporações educacionais financeirizadas, constituindo uma importante estratégia de negócios, seja a partir da apropriação do fundo público ou da captura de dados. A partir da análise da propaganda de algumas plataformas, verificamos uma perspectiva tecnicista com foco em avaliações de desempenho, além da transformação do processo de ensino-aprendizagem e maior controle e vigilância sobre o trabalho docente. **Palavras-chave:** Plataformação da educação; Financeirização da educação; Educação básica; Escola pública.

ABSTRACT

The current morphology of capitalism involves financialization and platformization mediated by digital technologies. In education, the insertion of platforms and other technologies with mechanisms for capturing teacher and student data has been referred to by researchers as the platformization of education (Poell; Van Djick, 2018). This phenomenon intensified with the COVID-19 pandemic, and even after the end of social isolation, various digital platforms and tools have been used in public education, with diverse implications for education. Thus, this work aims to contribute to the debate by mapping and analyzing the presence of private and financialized educational platforms in Brazilian state education systems in 2024. The methodology for data collection and mapping of educational platforms involved requests for information from state education departments based on the Access to Information Law (Brazil, 2011), as

1 Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFPB na linha de Políticas Educacionais. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-9920-5473>. E-mail: viniciuswass@gmail.com.

2 Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA), professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFPB na linha de Políticas Educacionais. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-8881-0766>. E-mail: rhoberta.araujo@gmail.com.

well as internet searches. The results indicate the presence of private and financialized platforms in virtually all state education systems, with national and foreign capital and companies, whether bigtechs, edtechs, or financialized educational corporations, constituting an important business strategy, whether through the appropriation of public funds or data capture. Based on an analysis of the advertising on some platforms, we found a technocratic perspective focused on performance assessments, as well as the transformation of the teaching-learning process and greater control and oversight over teaching work.

Keywords: Platformization of education; Financialization of education; Basic education; Public school.

RESUMEN

La morfología actual del capitalismo implica la financiarización y la plataformización mediadas por las tecnologías digitales. En educación, la inserción de plataformas y otras tecnologías con mecanismos para la captura de datos de docentes y estudiantes ha sido denominada por investigadores como la plataformización de la educación (Poell; Van Djick, 2018). Este fenómeno se intensificó con la pandemia de COVID-19, e incluso tras el fin del aislamiento social, se han utilizado diversas plataformas y herramientas digitales en la educación pública, con diversas implicaciones para la educación. Por lo tanto, este trabajo pretende contribuir al debate mediante el mapeo y análisis de la presencia de plataformas educativas privadas y financiarizadas en los sistemas educativos estatales brasileños en 2024. La metodología para la recopilación de datos y el mapeo de las plataformas educativas implicó solicitudes de información a las secretarías de educación estatales con base en la Ley de Acceso a la Información (Brasil, 2011), así como búsquedas en internet. Los resultados indican la presencia de plataformas privadas y financiarizadas en prácticamente todos los sistemas educativos estatales, con capital y empresas nacionales y extranjeras, ya sean bigtechs, edtechs o corporaciones educativas financiarizadas, que constituyen una importante estrategia comercial, ya sea mediante la apropiación de fondos públicos o la captura de datos. A partir del análisis de la publicidad en algunas plataformas, se detectó una perspectiva tecnocrática centrada en las evaluaciones de desempeño, así como en la transformación del proceso de enseñanza-aprendizaje y un mayor control y supervisión de la labor docente.

Palabras clave: Plataformización de la educación; Financiarización de la educación; Educación básica; Escuela pública.

INTRODUÇÃO

A plataformização e a financeirização da educação estão vinculadas ao contexto histórico e econômico atual. Antunes (2023) reconhece, no avanço das tecnologias e das plataformas digitais, a expressão contemporânea do capitalismo de dominância financeira. O uso massivo dessas ferramentas pelas grandes corporações demarca a etapa de reprodução ampliada do capital, ancorado em novas formas de extração de mais valor e exploração do trabalho.

A partir de estudos de software, negócios e economia política, Poell, Nieborg e Van Djick (2020, p. 4) apresentam, em seu trabalho, um histórico do conceito de plataforma, tanto no mercado quanto na academia, para definirem plataformas como “infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados”.

A plataformização, por sua vez, é definida como um processo de “[...] penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida” (Poell; Nieborg; Van Djick, 2020, p. 5). Os autores também alertam para o acúmulo de poder e capital em pequenos grupos de empresas responsáveis por algumas plataformas, como a Google/Alphabet e o Facebook/Meta, os problemas de governança devido à opacidade e

disparidade de poder entre desenvolvedores e usuários, além da coleta massiva de dados (dataficação) para retenção de usuários e monetização, reorganizando as relações econômicas, políticas e culturais. (Poell; Nieborg; Van Djick, 2020).

A ampliação no uso das plataformas digitais está correlacionada com “o modo atual de funcionamento do capitalismo, originado na década de 1980, contemporâneo da mundialização financeira [...] marcado pela importância da lógica da especulação” (Bastos, 2013, p. 1).

Na financeirização, ganha centralidade o capital fictício, cujas formas “representam títulos de propriedade sobre a riqueza futura, seja na forma de ações de empresas, duplicatas comerciais ou títulos públicos” (Bastos, 2013, p. 2), os quais podem ser comprados e vendidos em mercados secundários. Paulani (2024, p.85), apresentando duas fontes do valor futuro, define o capital fictício como:

[...] direitos que os proprietários de títulos têm sobre valor futuro ainda a ser gerado, seja esse valor resultado direto da valorização capitalista (como os dividendos, ou os rendimentos de títulos privados de dívida, incluindo-se aí as debêntures), seja ele resultado do poder monopólico de tributação detido pelo Estado, o qual captura, a cada período, parte do valor novo gerado.

Segundo Paulani (2024, p.88), “[...] a financeirização é só uma das facetas, certamente a mais vistosa, de um processo de acumulação dominado pelos imperativos rentistas, o capital como propriedade, mera relação jurídica, predomina sobre o capital como relação de produção”. Ou seja, com a financeirização, há uma predominância do capital fictício rentista sobre o capital produtivo, este vinculado à produção efetiva de bens e serviços, aquele assumindo novas feições em busca de uma autovalorização permanente. Trata-se, portanto, de um padrão de riqueza, materializada pela propriedade de ativos financeiros, dirigidos centralmente pela lógica da especulação e valorização ininterrupta.

Os nexos entre plataformização e financeirização são estabelecidos nas pesquisas sobre o tema. De acordo com Paraná (2024, p. 1, tradução nossa), “[...] as plataformas digitais são desenvolvimentos diretos da reestruturação produtiva do capitalismo emergente da revolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no âmbito do neoliberalismo e da globalização”. Inicialmente, modelos matemáticos e algoritmos foram utilizados no mercado financeiro, para depois migrarem para o Vale do Silício e outros campos de aplicação, até o quadro atual, em que as finanças e plataformas evoluem conjuntamente:

O aumento da proeminência da dimensão financeira das economias e a extensa digitalização da vida social são processos interligados [...] as finanças e as tecnologias são ambas formas de descontar o futuro no presente, flexibilizando as barreiras à valorização do capital [...] A plataformização deve ser vista não apenas como um facilitador da convergência entre finanças e tecnologia. A plataformização é ela mesma produto de uma nova configuração dessa relação (Paraná, 2024, p. 2; tradução nossa).

A partir dessa premissa, da plataformização como produto da convergência entre tecnologia e finanças, Paraná (2024, p. 2, tradução nossa) afirma que, com a evolução tecnológica e a economia digital, foi “[...] tecnicamente possível uma espécie de ‘descentralização’ operacional de quase tudo: trabalho e produção, circulação e consumo, fluxos financeiros e de comunicação”, do encurtamento das distâncias e

aceleração dos processos a partir da compressão do espaço e tempo, favorecendo uma das características da financeirização que é a relativa separação entre finanças e produção.

As plataformas facilitam a relativa autonomização das finanças da produção, uma característica dos processos de financeirização. Ao ligar vários locais e domínios sociais, acelerar processos e capitalizar os ganhos econômicos provenientes de dados e informações, as plataformas imbuem todos os processos socioeconômicos que tocam com os mesmos impulsos especulativos que os definem (Paraná, 2024, p.02, tradução nossa).

O autor ainda afirma que a propagação das plataformas digitais como infraestruturas sociotécnicas em diversos setores da economia amplia a extração de dados, as “oportunidades de valorização do capital e de reconfiguração das forças produtivas”, além dos lucros financeiros sob a lógica da financeirização favorecida pela desregulamentação neoliberal (Paraná, 2024, p. 3, tradução nossa).

Em caminho semelhante, Dowbor (2020) aponta que a tecnologia é o principal fator de produção atual e, diferentemente das máquinas, o conhecimento tecnológico é fluido e imaterial, ou intangível. A era do conhecimento com seus computadores e internet pode “[...] receber, armazenar, tratar e articular volumes praticamente ilimitados de conhecimentos e, portanto, desencadear um processo cumulativo de expansão” (Dowbor, 2020, p.32), trazendo diversos reflexos na organização política, social e econômica.

Dowbor (2020, p. 35) indica que os principais fluxos de investimentos financeiros se voltam para a “[...] capacidade de controle de conhecimento organizado”, tanto é que as empresas mais valiosas do mundo são predominantemente do setor de tecnologia, justamente as GAFAM (Google/Alphabet, Apple, Facebook/Meta, Amazon e Microsoft). O capitalista, segundo ele, “cada vez mais, é um controlador de plataformas digitais, aplicativos, patentes, *copyrights*” (Dowbor, 2020, p.35), pois quem controlar o intangível passa a controlar os processos produtivos tradicionais, tangíveis, e submetê-los a novas lógicas, com a possibilidade de reprodução das tecnologias com baixos custos.

Dentro da lógica da financeirização, em que impera a busca desenfreada por lucros e dividendos de seus acionistas, as plataformas, aplicativos e outras tecnologias digitais se tornam ativos importantes de grupos empresariais, pois, mesmo que apresentem custo de produção inicial considerável, podem ser amplamente reproduzidos sem demandar muitos gastos, geram dados de seus usuários que “aperfeiçoam” os serviços e podem ser comercializados.

Considerando a plataformização e a financeirização como partes constituintes da morfologia atual do capitalismo, as plataformas dos oligopólios financeirizados têm se alastrado para diversos setores e instâncias da vida com variadas implicações.

Nesse sentido, a pandemia de COVID-19, uma crise multidimensional, foi tratada pelo capital como uma oportunidade de negócios, o momento propício para acelerar tendências em curso. Diante das medidas de isolamento social, houve avanço na utilização de plataformas educacionais, fenômeno designado como plataformização da educação (Van Djick; Poell, 2018). Assim, as tecnologias digitais foram alçadas como uma das ferramentas prioritárias para possibilitar o ensino remoto, impondo a professores e estudantes a adoção acelerada de diversas tecnologias e plataformas, apesar da desigualdade no acesso

(Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, 2023).

Cruz e Venturini (2020) destacam que não foi a pandemia que iniciou a demanda pelo uso de tecnologias nas escolas e universidades, mas a crise sanitária que, aliada à incapacidade do setor público em oferecer serviços e estrutura para o ensino remoto, trouxe uma pressão para a digitalização da educação e abriu espaço para o avanço agressivo das empresas, principalmente aquelas nomeadas pelos autores como do capitalismo de vigilância, as GAFAM.

No mesmo caminho, Leher (2023) apresenta o papel das parcerias público-privadas firmadas no contexto de pandemia, com atuação das GAFAM que forneceram plataformas e serviços para o ensino remoto nas redes públicas, ampliando as possibilidades de expansão e captura de dados.

Porém, não houve atuação apenas das *big techs*. Durante a pandemia, corporações educacionais financeirizadas com ações listadas em bolsas de valores, como a Cogna, Arco Educação e o grupo Sistema Educacional Brasileiro (SEB), realizaram aquisições de escolas e universidades, bem como de sistemas de ensino, plataformas, *edtechs* e ferramentas digitais educacionais (Araújo, 2023; Leher, 2023; Seki, 2023).

Blandy e Dowbor (2023) e Bressan e Alvim (2024) apresentam um histórico do crescimento de tais grupos educacionais impulsionados inicialmente por meio do Ensino Superior, especialmente através da apropriação do fundo público por meio do Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior (Fies) e do Programa Universidade para Todos (Prouni), mesmo com o endividamento de seus estudantes.

Entretanto, com as políticas de austeridade a partir de 2015, tem início uma estagnação do nível superior diante da diminuição dos subsídios governamentais, além do baixo crescimento econômico e das limitações trazidas pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) por uma excessiva oligopolização (Blandy; Dowbor, 2023). Assim, alguns grupos colocaram o Ensino Básico como nova fronteira de expansão tanto no setor privado quanto no público, e uma das estratégias é através da comercialização dos sistemas de ensino e plataformas (Santos; Araújo, 2023).

No mesmo contexto, Silva (2022) aponta o crescimento das *edtechs*³ durante a pandemia, com implicações no trabalho docente, além da coleta de dados e aumento da vigilância. Na mesma pesquisa, a autora destaca o papel de instituições que, a partir do neotecnicismo digital, apresentam pacotes tecnológicos e serviços de *edtechs* e empresas privadas como solução para os problemas educacionais, reforçando a relação entre plataformação, privatização, mercantilização e ampliação da financeirização da educação básica.

Desse modo, as plataformas e tecnologias educacionais se tornam uma importante estratégia das corporações financeiras, sejam tecnológicas ou educacionais, para adentrar a etapa obrigatória da educação básica na rede pública.

Mesmo após o retorno presencial das aulas, diversas plataformas e ferramentas digitais têm sido

3 Segundo o Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB), o “termo *edtech* surge do acrônimo das palavras *education* e *technology* – porém, assim como a palavra *startup*, ainda não há um consenso sobre sua definição. Duas características se destacam nessa categoria de empresa: 1) O uso de alguma forma da tecnologia, que significa a aplicação sistemática de conhecimento científico para tarefas práticas. 2) A tecnologia como facilitadora de processos de aprendizagem e aprimoramento dos sistemas educacionais, gerando efetividade e eficácia” (CIEB, 2020, p. 9).

utilizadas na educação das redes públicas. Algumas são desenvolvidas pelo poder público e também por empresas privadas sem capitais financeiros, porém, há *edtechs* que criam plataformas e se expandem a partir de investimentos de capitais financeiros ou são adquiridas e desenvolvidas por grupos financeirizados.

Pesquisas recentes que se debruçaram sobre a plataformização da educação numa perspectiva crítica têm apontado suas implicações⁴ na educação básica pública, bem como a atuação de *bigtechs*, como a *Google*⁵, e de *edtechs* (Silva, 2022), contudo, são escassos os mapeamentos sobre tal fenômeno na educação básica.

Assim, este trabalho tem como objetivo contribuir para o debate da plataformização e financeirização da educação a partir de um mapeamento e análise da presença de plataformas educacionais nas redes estaduais no ano de 2024, com enfoque naquelas relacionadas com capitais privados e financeiros. Assim, este trabalho pretende contribuir para o campo acadêmico e para mobilizações em torno da temática, tendo em vista as diversas implicações dos fenômenos para a educação pública.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Em primeiro lugar, optamos pelo recorte da utilização de plataformas na educação básica pública das redes estaduais diante do elevado número de matrículas e a factibilidade do mapeamento, pois se trata de pesquisa realizada em nível de mestrado, o que não seria possível se a investigação contemplasse as redes municipais.

Inicialmente, realizamos uma pesquisa nos *sites* das Secretarias Estaduais de Educação e poucas apresentavam uma aba ou conteúdo específico sobre as plataformas digitais utilizadas. Em seguida, procedemos com buscas no buscador da *google* com as seguintes palavras “plataformas educacionais secretaria estadual de educação”, acrescido do nome de cada um dos estados. Entre os resultados estavam notícias estatais sobre a contratação ou desenvolvimento de plataformas em alguns estados. Contudo, algumas notícias eram antigas e em outros estados as informações eram escassas ou inexistentes, não sendo possível confirmar quais plataformas estavam sendo utilizadas em cada rede.

Diante desse quadro, realizamos pedidos de acesso à informação para cada um dos Estados e o Distrito Federal, com base na Lei de Acesso à Informação - LAI - Lei Federal nº 12527/2011 (Brasil, 2011) para mapear, através de respostas oficiais, quais as plataformas educacionais são utilizadas em cada uma das redes estaduais.

Todas as respostas oficiais foram organizadas numa pasta⁶ e suas informações foram sintetizadas em uma nova planilha, acompanhadas das informações levantadas no buscador da *google* e nos sites

4 Sugerimos a leitura dos seguintes trabalhos que analisam o fenômeno na rede estadual paranaense, cujo processo é avançado: Luca (2023), Rodrigues (2024), Balieiro (2022), Naujack (2023), Deus (2024).

5 Para aprofundamento da presença da plataforma Google na educação pública, ver: Lopes (2023) e Braga (2023).

6 As respostas oficiais estão disponíveis no seguinte link: https://drive.google.com/drive/folders/1UMIXTVvl_cxpQevbD7IusBknc74Z_l-?usp=sharing. Acesso em: 18 out. 2025.

oficiais. Ao entrecruzar as informações obtidas e excluir as plataformas em duplicidade, foi possível mensurar a quantidade de plataformas na resposta oficial e também o número considerando a resposta oficial e demais resultados encontrados na internet.

Uma hipótese para as diferenças encontradas é a imprecisão do termo plataforma para os responsáveis pelas respostas oficiais via LAI, como, por exemplo, o caso de alguns estados considerarem a *Google* uma plataforma e outros, não.

Tendo em vista o recorte do presente artigo, foram realizadas novas buscas e análises para verificar quais plataformas são desenvolvidas pela iniciativa privada e, dentre essas, quais possuem relação com capitais financeiros. Fora as plataformas mais conhecidas, como da Google e Microsoft, as demais foram pesquisadas individualmente, em busca da empresa responsável pelo desenvolvimento da plataforma e se ela havia recebido investimentos de capitais financeiros ou tinha capitais abertos em bolsas de valores. Dessa maneira, foram excluídas deste trabalho as plataformas desenvolvidas pelo setor público, como no caso de diversas plataformas de gestão escolar que constam nas respostas via LAI.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da coleta e sistematização das informações, foi possível realizar uma análise e um mapeamento preliminar do fenômeno da plataformização nas redes públicas estaduais. A Tabela 1 indica o nome e a quantidade das plataformas privadas mapeadas em cada uma das redes estaduais, agrupadas por regiões, obtidas através do cruzamento das respostas oficiais via LAI e buscas complementares na internet, bem como aquelas vinculadas a capitais financeiros:

Tabela 1 - Plataformas privadas e financeirizadas nas redes públicas estaduais em 2024

	Resposta via LAI	Resultado de buscas no <i>site</i> da Secretaria e na internet	nº total de Plataformas privadas	Plataformas vinculadas a capitais financeiros	nº Plataformas vinculadas a capitais financeiros
Acre (AC)	nenhuma plataforma privada	- Google ⁷	1	- Google	1
Amapá (AM)	- Proesc	- Google ⁸	2	- Proesc ⁹ - Google	2
Amazonas (AM)	- Plataforma Saber Mais - Plataforma Konectar-me - Acerta Mais ENEM - Constelattio	- Google ¹⁰	5	- Google	1

7 <https://agencia.ac.gov.br/governo-oferece-curso-de-informatica-e-linguagem-de-programacao-as-escolas/>

8 <https://seed.portal.ap.gov.br/noticia/0807/consulta-publica-aponta-que-86-dos-estudantes-que-responderam-a-pesquisa-tiveram-acesso-ao-ensino-nao-presencial>

9 <https://exame.com/negocios/os-sonhos-de-lindomar-o-homem-que-comecou-uma-startup-na-regiao-amazonica-usando-um-disquete/>

10 <https://www.agenciaamazonas.am.gov.br/noticias/gestores-professores-e-alunos-da-rede-estadual-podem-ativar-e-mail-institucional-para-ajudar-no-ensino-remoto/>

Pará (PA)	- Plataforma Educacional Digital Plurall; - Google Workplace Education Fundamentals;	nenhuma	2	- Plurall (Somos/Vasta/Cogna) ¹¹ ; - Google	2
Rondônia (RO)	- Plataforma Revisa Mais - Plataforma Revisa Enem - Plataforma Soluções Moderna Aprova Brasil - Plataforma Metro	- Google ¹²	5	- Moderna (Grupo Prisa) ¹³ ; - Google	2
Roraima (RR)	nenhuma plataforma privada	- Estante Mágica ¹⁴ - Google ¹⁵	2	- Estante Mágica ¹⁶ - Google	2
Tocantins (TO)	- Google Workspace for Education Plus	nenhuma	1	- Google	1
Alagoas (AL)	- Khan Academy - Google Workspace	- Busuu ¹⁷ - Plataforma Solis ¹⁸ - Canva ¹⁹ - Plataforma do Sistema de Ensino Uniavan ²⁰	6	- Google - Canva ²¹	2
Bahia (BA)	- Plataforma Plurall	- Google ²²	2	- Plurall (Somos/Vasta/Cogna); - Google	2
Ceará (CE)	- Khan Academy; - Letrus; - Stoodi; - Árvores de Livro; - FB online;	- Google ²³	6	- Letrus ²⁴ - Árvores de Livros ²⁵ - Stoodi (Kroton/Cogna) ²⁶ - Google	4
Maranhão (MA)	- Google for Education	nenhuma	1	- Google	1
Paraíba (PB)	nenhuma plataforma privada	- Google ²⁷	1	- Google	1
Pernambuco (PE)	nenhuma plataforma privada	- Google ²⁸	1	- Google	1

11<https://vasta.globalri.com.br/conteudo-e-edtech>

12<https://rondonia.ro.gov.br/seduc-intensifica-a-formacao-de-profissionais-da-zona-da-mata-para-o-uso-de-tecnologias-digitais-na-educacao/>

13<https://br.investing.com/equities/prisa>

14<https://portal.rr.gov.br/alunos-de-colegio-militarizado-autografam-seus-primeiros-livros-em-noite-de-celebracao/>

15<https://www.roraimanarede.com.br/noticia/116469/lgoogle-dayr-apresenta-funcionalidades-do-workspace-a-gestores-e-tecnicos-da-secretaria-de-estado-da-educacao>

16<https://www.roraimanarede.com.br/noticia/116469/lgoogle-dayr-apresenta-funcionalidades-do-workspace-a-gestores-e-tecnicos-da-secretaria-de-estado-da-educacao>

17<https://www.consed.org.br/noticia/seduc-alagoas-oferece-400-vagas-para-curso-de-ingles-online-em-parceria-com-a-liberty-education>

18<https://ojornalextra.com.br/noticias/alagoas/2024/08/106620-alagoas-expoe-dados-de-alunos-em-plataforma-de-empresa-condenada-diz-site>

19<https://www.educacao.al.gov.br/noticia/1749-seduc-faz-parceria-inedita-com-a-plataforma-canva-para-educacao>

20<https://www.consed.org.br/noticia/educacao-apresenta-material-para-complementar-aprendizagem-de-alunos-do-ensino-fundamental>

21<https://contxto.com/pt-br/capital-de-risco/canva-arranges-1-billion-stock-sale-for-employees-investors/>

22<https://www.consed.org.br/noticia/secretaria-da-educacao-da-bahia-promove-formacao-para-professores-em-parceria-com-google-classroom>

23<https://www.ceara.gov.br/2020/05/06/escolas-obtem-sucesso-na-utilizacao-de-ferramentas-digitais-como-suporte-para-aulas-remotas/>

24<https://www.infomoney.com.br/business/edtech-brasileira-letrus-arrecada-r-36-milhoes-em-rodada-de-investimento/>

25<https://news.microsoft.com/pt-br/fundo-br-startups-investira-r-25-milhoes-na-arvore-educacao/>

26<https://www.cogna.com.br/nossas-marcas/?locale=pt-BR>

27<https://www.consed.org.br/noticia/google-day-apresenta-funcionalidades-do-workspace-a-gestores-e-tecnicos-da-secretaria-de-estado-da-educacao>

28<https://blog.google/intl/pt-br/novidades/iniciativas/colaborando-com-o-desenvolvimento-economico-e-social-de-pernambuco/#colaborandocomodesenvolvimentoeconomico>

Piauí (PI)	não respondeu	- Alura ²⁹ - Google ³⁰	2	- Alura ³¹ - Google	2
Rio Grande do Norte (RN)	- Plataforma Click Ideia	- Google ³²	2	- Google	1
Sergipe (SE)	nenhuma plataforma privada	- Google ³³	1	- Google	1
Espírito Santo (ES)	- Plataforma Letrus	- Google ³⁴	2	- Letrus - Google	2
Minas Gerais (MG)	- ENEM-MG - Elefante Letrado	- Google ³⁵ - Plataforma Huawei ³⁶ ; - Britannica ³⁷	5	- Google - Huawei	2
Rio de Janeiro (RJ)	- Plataforma E-Rio - Google Classroom	nenhuma	2	- Google	1
São Paulo (SP)	- Elefante Letrado - Matific - Khan Academy - Alura - Me Salva - Speak	- Escola Total (utiliza Microsoft Power BI) ³⁸ - Google Workspace For Education ³⁹	8	- Alura - Me Salva (Arco Educação) ⁴⁰ - Microsoft - Google	4
Distrito Federal (DF)	Em processo de implementação: Google Workspace for Education	nenhuma	0		0
Goiás (GO)	- NetEscola - SER Goiás - Desafio Crescer	- GoEnglish ⁴¹ - Google ⁴² - Letrus ⁴³	6	- Google - Letrus	2
Mato Grosso (MT)	- Plurall (Vasta), - Mais Inglês, - Avalia MT (FGV), - Google for education, - Matific, - Letrus	- Plataforma Digital FGV Ensino Médio ⁴⁴ - Plataforma Univirtus ⁴⁵	8	- Plurall (Somos/Vasta/Cognativa) - Letrus - Google	3
Mato Grosso do Sul (MS)	nenhuma plataforma privada	- Google ⁴⁶ - Canva ⁴⁷	2	- Google - Canva	2

29<https://www.seduc.pi.gov.br/noticias/noticia/12011/washington-bandeira-assume-secretaria-de-estado-da-educacao-e-fala-sobre-as-metas-de-sua-gestao>

30<https://www.pi.gov.br/governo-e-google-cloud-se-reunem-para-explorar-oportunidades-de-inteligencia-artificial-no-estado/>

31<https://www.bloomberglinea.com.br/2022/08/18/aquisicao-de-cientista-da-computacao-cria-um-gigante-no-ensino-da-tecnologia/>

32<https://www.consed.org.br/noticia/rio-grande-do-norte-realiza-google-day-e-discute-uso-de-ferramentas-tecnicas-em-sala-de-aula>

33<https://seduc.se.gov.br/seduc-e-google-for-education-dialogam-sobre-solucoes-tecnicas-no-ambiente-escolar/>

34<https://sedudigital.edu.es.gov.br/>

35<https://www.educacao.mg.gov.br/governo-de-minas-distribui-65-mil-chromebooks-para-professores-do-ensino-medio-da-rede-estadual/>

36<https://escoladeformacao.educacao.mg.gov.br/index.php/inscricoes-abertas/598-parceria-see-e-huawei>

37<https://seliga.educacao.mg.gov.br/parceria-britannica>

38<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/8882>

39<https://www.educacao.sp.gov.br/cerca-de-400-profissionais-da-educacao-participam-de-capitacao-tecnologica-pelo-centro-de-midias-de-sp/>

40<https://mercadoeeducacao.com.br/arco-educacao-adquire-plataforma-online-me-salva/>

41<https://agenciadoradenoticias.go.gov.br/127764-educacao-lanca-plataforma-goenglish-para-professores-da-rede-estadual>

42https://portaleduca.educacao.go.gov.br/suporte_ti/parceria-google/

43<https://goias.gov.br/educacao/estudantes-da-rede-estadual-utilizam-inteligencia-artificial-em-preparacao-para-o-enem/>

44<https://www.seduc.mt.gov.br/>

45<https://www.consed.org.br/noticia/seduc-vai-reforcar-uso-da-tecnologia-em-sala-de-aula-durante-semana-pedagogica>

46<https://www.consed.org.br/noticia/mato-grosso-do-sul-e-destaque-em-evento-mundial-de-educacao-em-londres>

47<https://www.consed.org.br/noticia/mato-grosso-do-sul-e-destaque-em-evento-mundial-de-educacao-em-londres>

Paraná (PR)	- Inglês Paraná - Khan Academy - Leia Paraná - Matific - Alura - Desafio Paraná	- Google ⁴⁸ - Microsoft Power BI ⁴⁹	8	- Alura - Google - Microsoft - Desafio Paraná (utiliza a plataforma Quizizz ⁵⁰) - Leia Paraná (utiliza a plataforma da Odilo ⁵¹)	5
Rio Grande do Sul (RS)	- Elefante Letrado - Árvore de Livros - Plataforma Uninter	- Google ⁵²	4	- Árvore de Livros - Google	2
Santa Catarina (SC)	- Google Classroom	- "Educação na palma da mão" utiliza Microsoft Power BI ⁵³	2	- Google - Microsoft	2

Fonte: os autores (2025).

A tabela permite averiguar a presença de plataformas privadas em todas as redes estaduais, com exceção da rede do DF que estava implantando os serviços da *Google* em 2024. Os estados de PR, SP e MT se destacam, cada um com 8 plataformas oriundas de empresas privadas, denotando um processo avançado de plataformização, privatização e mercantilização da educação básica pública por meio das plataformas. Outros também possuem um número elevado, como AL, CE e GO, com 6 cada, e AM e RO com 5 plataformas privadas. Ao seu turno, alguns estados possuem apenas uma plataforma privada, como é o caso de SE, PE, PB, MA, TO e AC.

É possível notar também a predominância da plataforma *Google*, que ganhou espaço durante a pandemia e está presente em praticamente todas as redes estaduais, confirmando a tendência já apontada por outros autores (Leher, 2023; Cruz; Venturini, 2020). Além disso, a *Google* firmou um Termo de Cooperação com o MEC, em 2022, para disponibilizar gratuitamente os serviços da *Google Workspace For Education Fundamentals* para redes públicas municipais, estaduais e federais (Brasil, 2022). Em alguns casos, como indicado na resposta oficial do Estado de Tocantins, foram contratados os serviços do *Google Workspace for Education Plus*.

Conforme delineado por Lopes (2023), a *Google* fornece seus serviços, como, por exemplo, e-mail, salas de aula virtuais, armazenamento na nuvem, sem custos para o usuário na modalidade *Google Workspace for Education Fundamentals*, porém, há possibilidade de ampliar os serviços mediante pagamento do contratante, que realiza um *upgrade* seja para a *Google Workspace for Education Standard*, ou a versão *Teaching and Learning Upgrade* ou ainda a mais sofisticada, chamada *Google Workspace for*

48<https://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Alunos-da-rede-estadual-tem-e-mail-personalizado-do-Google>

49<https://www.plural.jor.br/artigos/as-plataformas-digitais-e-a-privatizacao-da-educacao-publica-no-parana/>

50<https://techcrunch.com/2021/06/29/tiger-global-leads-31-5-million-investment-in-interactive-edtech-quizizz/>

51<https://noticias.r7.com/cidades/folha-vitoria/odilo-brasil-anuncia-plano-de-crescimento-apos-investimento-de-us-64-milhoes-27062022/>

52<https://educacao.rs.gov.br/contas-de-e-mail-dos-estudantes-da-rede-estadual-serao-atualizadas-a-partir-de-quinta-feira-30-01>

53<https://inovacaosetorpublico.com.br/praticas-inovadoras-no-setor-publico-catarinense-educacao-na-palma-da-mao-podcast/>

Education Plus, justamente a contratada pelo Estado de Tocantins.

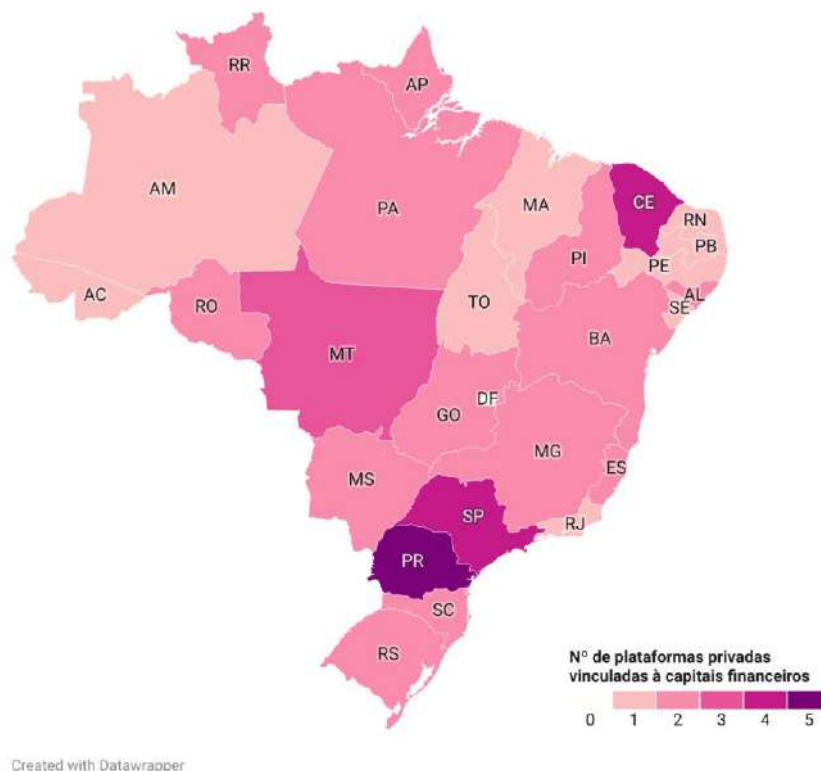
Ao analisar a “gratuidade” dos serviços ofertados pela Google a partir de análise de Termos de Cooperação firmados entre a *Google* e a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, o mesmo autor afirma que:

Os dados obtidos, processados e armazenados, que auxiliam o desenvolvimento dos algoritmos nas plataformas educacionais, constituem-se como uma espécie de “reserva de valor”, já que têm potencial para garantir ganhos ou remunerações futuras, de modo a sanar, em partes, a operação “gratuita” das plataformas. Além disso, é importante que se esclareça que, mesmo sem o processamento de dados para veiculação de publicidade ou para associar os usuários compradores dos usuários vendedores, os algoritmos das plataformas continuam sendo treinados e alimentados, o que possibilita melhoramento e oportunidade de inovação do sistema proprietário a partir dos dados públicos (Lopes, 2023, p. 176-177).

É dizer, mesmo que os termos de cooperação firmados com o poder público não prevejam o processamento de dados para publicidade, uma das maiores fontes de receita da *Google*, a utilização “gratuita” da plataforma por estudantes e professores da rede pública brasileira geram dados que auxiliam no desenvolvimento dos algoritmos e serviços ofertados, além de ampliar a hegemonia da plataforma ao habituar os usuários com suas ferramentas.

Lopes (2023) enuncia que o projeto da Google na educação reforça a educação flexível nos moldes da ideologia neoliberal por meio da privatização. Na mesma direção, Braga (2023) afirma que o *Google Workspace for Education* busca constituir um trabalhador de tipo novo, tecnificado, mensurado, datatificado, controlado, híbrido e explorado, nos moldes do novo padrão de acumulação flexível do capitalismo.

O mapa a seguir demonstra o número de plataformas privadas com vínculos com capitais financeiros em cada rede estadual, sejam elas pertencentes às big techs, corporações educacionais ou *edtechs* que receberam rodadas de investimentos de agentes do mercado financeiro. É possível notar o movimento de financeirização da educação básica pública através das plataformas em praticamente todo o país, mas com alguns estados em destaque, como PR, SP, CE e MT.

Mapa 1 - Número de plataformas privadas vinculadas a capitais financeiros

Fonte: os autores (2025).

Elaboração: Vinícius Eduardo Wassmansdorf.

Outra plataforma das big techs é o *Microsoft Power BI (Business Intelligence)*, presente nos estados de SP, PR e SC. De acordo com Renato Feder (2023), empresário, ex-secretário de educação no estado do PR e atual responsável pela pasta em SP, idealizador da plataformização nas redes estaduais dos referidos estados, o *Power BI* permite análise massiva de dados e foi implantado em suas gestões a partir de sua experiência no mundo dos negócios. Trata-se de uma tecnologia para “coleta, processamento e análise de informações que dão suporte à gestão e à tomada de decisões” (Feder, 2023, s. p.), fornecendo dados de frequência escolar, acesso às demais plataformas, atividades online realizadas, desempenho na avaliação diagnóstica, entre outros dados, permitindo um controle em tempo real dos indicadores.

A plataforma não é gratuita e, no caso paranaense, por exemplo, sua licença custou R\$ 1.143.340,00 por um período de dois anos (Israel, 2023). Ela proporciona a vigilância e o controle pedagógico a partir de dados gerados em tempo real e, conseqüentemente, permite a cobrança de metas e resultados por toda rede, justamente uma das características do projeto neoliberal na educação.

Além da presença das *big techs*, plataformas de algumas corporações financeiras educacionais brasileiras também foram mapeadas. É o caso da SOMOS Educação, empresa da *Vasta Platform* com ações listadas na Nasdaq, pertencente à *holding* Cogna, que fornece sua plataforma Plurall nos estados da BA, MT e PA. De acordo com o relatório de sustentabilidade da Vasta de 2023, destinado ao mercado financeiro e investidores, o segmento B2G (*business-to-government*) é uma das vias de crescimento que trarão

melhores resultados de negócios futuros da empresa:

Logo em 2023, seu primeiro ano efetivo de atuação, o novo segmento já registrou resultados significativos, que validam a decisão estratégica de apostar no segmento público como uma importante avenida de crescimento para a Vasta: chegamos ao final do período com um total de 600 mil alunos sendo impactados por nossas soluções para a rede pública e alcançamos R\$ 81,2 milhões em receitas no ciclo de vendas de 2023 (Vasta Platform, 2023, p.36).

Ainda de acordo com o relatório da empresa, a plataforma e materiais que a acompanham unem recomposição de aprendizagem, avaliação diagnóstica e preparação dos alunos para a prova do Saeb nas disciplinas de português e matemática (Vasta Platform, 2023). Trata-se de uma “plataforma adaptativa que, com o uso de algoritmos de personalização, individualiza o processo de aprendizado” (Vasta Platform, 2023, p.37). De maneira distinta das plataformas mencionadas anteriormente da *Google* e *Microsoft*, aqui as plataformas possuem conteúdos, videoaulas, atividades, simulados, entre outros, podendo ser classificadas como plataformas de aprendizagem (Viegas, 2024).

Ademais, o relatório indica as possibilidades de customização da plataforma com custos reduzidos que, aliado ao alto volume de alunos da rede pública, permite aumentar o lucro da empresa com ganho de escala:

Trata-se de uma atuação sustentável: os volumes apresentados pelo segmento público permitem um alto nível de customização das soluções, possibilitando, de um lado, fazer chegar a alunos e professores um material adequado a suas necessidades, e de outro, ganho em escala para o negócio, com conseqüente aumento de rentabilidade das soluções digitais e redução de custos logísticos e ausência de necessidade de estocagem de materiais físicos, pois todo o material produzido será direcionado ao público específico (Vasta Platform, 2023, p. 37).

Por sua vez, a plataforma Stoodi, pertencente a Kroton, também da *holding* Cogna, é utilizada na rede estadual do CE, de acordo com a resposta oficial. Segundo seu *site*, a plataforma é um cursinho 100% on-line, com videoaulas gravadas e banco de exercícios, voltada para alunos do ensino médio que prestarão vestibulares ou o Enem. Seu acesso é pago e conta com planos específicos para os vestibulares de medicina, engenharia e direito e, de acordo com o *site*, impactou mais de 8 milhões de alunos (Stoodi, s.d.).

Outra empresa com papéis na bolsa de valores e plataformas numa rede pública estadual é a Moderna, pertencente ao conglomerado espanhol Prisa de comunicação e educação, que possui ações na bolsa espanhola, Bolsa y Mercados Españoles (BME). Como visto na Tabela 1, a empresa está presente em Rondônia por meio da Plataforma Aprova Brasil. No *site* da empresa, é indicado que o escopo da sua atuação é alcançar melhores resultados no Saeb, além da disponibilidade de uma educação “completa e diversificada: jogos educacionais, videoaulas e simulados com correção automática. O aluno vivencia o aprendizado de modo personalizado” (Soluções Moderna, s.d.).

Além da Cogna e Moderna, é possível verificar a presença na rede paulista da plataforma Me Salva!, pertencente a *Arco Platform Limited*, que também possui ações na *Nasdaq*. De acordo com um vídeo disponível no *site*, o ano de 2024 foi o último da plataforma voltada para preparação para o vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), já que ela e seus conteúdos foram incorporados

pela plataforma da Arco (Me Salva!, s.d.).

A pesquisa de Seki (2023) indica que a aquisição da Me Salva! pela Arco, em 2021, ocorreu como parte da estratégia de expansão do grupo. Outras empresas de sistemas de ensino e tecnologias educacionais digitais foram incorporadas pela *holding*, sinalizando para constituição de um oligopólio de tecnologia no setor educacional que enfatiza o uso de tecnologias como aprendizagem adaptativa e avaliação digital. O mesmo autor tece críticas sobre o poder que a empresa tem no direcionamento de tendências educacionais no Brasil, além da padronização e estandardização do trabalho docente com as tecnologias reproduzíveis em grande escala por meio das plataformas educacionais.

Além das plataformas vinculadas às corporações financeiras apresentadas anteriormente, há diversas plataformas que não possuem capitais abertos nas bolsas de valores, mas receberam investimentos de capitais financeiros. A maioria se apresenta como *edtechs*, startups que desenvolvem produtos educacionais baseados no uso intensivo de tecnologias.

É o caso da plataforma Letrus, presente em quatro estados (ES, MT, GO e CE), uma *edtech* brasileira voltada para leitura e escrita que arrecadou R\$ 36 milhões em uma rodada de investimentos no final de 2023, liderada pelas gestoras Crescera Capital e Owl Ventures (Infomoney, 2023). Em sua propaganda, está a utilização de inteligência artificial e a captura de dados para personalização e individualização da aprendizagem, além do salto da rede do ES do 6º para o 1º lugar no ranking do Enem devido à implementação da plataforma (Letrus, s.d.).

Utilizada nos estados de PR, SP e PI, a Alura é uma *edtech* brasileira voltada para cursos de tecnologia, como programação, e tem entre seus investidores o fundo de *private equity* Crescera e o grupo australiano *Seek* (Bloomberg, 2022). Um artigo disponível em seu *site* informa que, na educação escolar, a Alura atua alinhado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com as diretrizes de pensamento computacional, cultura digital e mundo digital (Pianucci; Silveira, 2023).

Já a plataforma Árvore de Livros, utilizada nas redes do RS e CE, é uma *edtech* brasileira que recebeu investimentos de R\$2,5 milhões da *MSW Capital* para compor o portfólio do Fundo BR *Startups* (Microsoft News, 2023). De acordo com o *site*, além da leitura, também há soluções de educação socioemocional, inglês e escrita com apoio de Inteligência Artificial, estando, entre as vantagens da plataforma, a aprendizagem híbrida e a gamificação que garante maior engajamento (Árvore, s.d.).

Com presença em MS e AL por meio de parcerias, o Canva, plataforma de design gráfico originada na Austrália, permitiu a venda de US\$1 bilhão em ações por parte de funcionários e investidores para maior liquidez da empresa (Canva, 2023). Semelhantemente a outros negócios, o Canva oferece uma versão “gratuita” com a possibilidade de contratar uma versão paga com mais ferramentas e serviços, escamoteando o treinamento da plataforma por meio da interação com o usuário, como no caso da Google mencionado anteriormente.

Outra plataforma é a Estante Mágica, uma *edtech* brasileira voltada para leitura e escrita que recebeu investimentos em 2018 da Yunus Negócios Sociais e em 2022 recebeu R\$2,5 milhões do

empresário/filantropo Elie Horn (Estante Mágica, 2023). Presente em RR, o *site* indica alguns serviços gratuitos e outros pagos, com utilização de gamificação para maior engajamento, além de estar alinhado à BNCC (Estante Mágica, 2023).

No AP, foi mapeada a atuação da PROESC, uma *edtech* de gestão escolar fundada no mesmo estado, que recebeu, em 2023, um aporte de R\$8 milhões da *holding SQUARE Knowledge Ventures* numa rodada de investimentos (Proesc, 2023).

Por fim, mais duas plataformas relacionadas com capitais financeiros foram mapeadas no PR. A Leia Paraná, voltada para leitura, utiliza a plataforma desenvolvida pela *edtech* espanhola *Odilo*, a qual recebeu um aporte de capital no montante de US\$ 64 milhões da *Bregal Milestone* em 2022 (Odilo, 2022). Já a plataforma Desafio Paraná, voltada para atividades gamificadas de diversas disciplinas, utiliza como base a plataforma da Quizziz, uma *Edtech* indiana que recebeu US\$ 31,5 milhões da *Tiger Global* numa rodada de investimentos em 2021 (Mascarenhas, 2021).

Como visto, há presença de *edtechs* estrangeiras, além de fundos de investimentos sediados no Brasil e em outros países, como, por exemplo, a *Crescera Capital*, com sede em São Paulo, e a *Owl Ventures* dos EUA, que injetaram recursos para expansão de negócios de algumas *Edtechs* brasileiras.

Além das plataformas apresentadas anteriormente, outras oriundas de empresas privadas foram mapeadas, apesar de não termos encontrado vínculos com capitais financeiros. Durante as buscas, foi comum encontrarmos informações oficiais dos Estados afirmando que desenvolveram uma determinada plataforma, contudo elas foram desenvolvidas e adquiridas junto de empresas privadas, como nos casos das plataformas Inglês Paraná (PR), *Speak* (SP), Mais Inglês (MT) e *GoEnglish* (GO), que são desenvolvidas pela *Education First - EF*, que se autodeclara uma das maiores empresas educacionais do mundo.

Na breve descrição de algumas plataformas apresentadas anteriormente, é comum a presença de alguns termos, tais como Inteligência Artificial (IA), dados, aprendizagem adaptativa, personalizada ou individualizada, gamificação, engajamento, educação socioemocional, habilidades e competências da BNCC e melhoria em avaliações como no Saeb e Enem.

Nesse sentido, diversas pesquisas têm apontado a plataformização como uma política pedagógica vinculada ao tecnicismo (Mallmann, 2023), neotecnicismo (Deus, 2024), neotecnicismo digital (Silva, 2022; Rodrigues, 2024) ou ainda ao cibertecnicismo (Pimentel; Carvalho, 2022). Apesar da divergência nos conceitos utilizados, em comum está o radical da pedagogia tecnicista, definida por Saviani (2013, p. 382) da seguinte maneira:

Se na pedagogia tradicional a iniciativa cabia ao professor, que era, ao mesmo tempo, o sujeito do processo, o elemento decisivo e decisório; e se na pedagogia nova a iniciativa se desloca para o aluno, situando-se o nervo da ação educativa na relação professor-aluno, portanto, relação interpessoal, intersubjetiva; na pedagogia tecnicista o elemento principal passar a ser a organização racional dos meios, ocupando o professor e o aluno posição secundária, relegados que são à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais. A organização do processo converte-se na garantia de eficiência, compensando e corrigindo as deficiências do professor e maximizando os efeitos de sua intervenção.

Verifica-se que a corrente tecnicista não tem como atores principais professor e aluno. Esses se transformam em executores de atividades planejadas e concebidas por especialistas supostamente neutros, que buscam objetividade, racionalidade, eficiência e produtividade na educação, assim como numa empresa. Há uniformização do trabalho pedagógico com ênfase em métodos e técnicas de ensino, acompanhada de materiais prontos.

Na pedagogia tecnicista, também está presente a tentativa de controle comportamental (behaviorismo) dos estudantes. Segundo Silva (2022), a corrente ganha proeminência no Brasil na metade da década de 1960, com objetivo de formar mão de obra para a indústria. Já nos anos 1990, devido ao avanço do neoliberalismo e de descobertas na neurociência, psicologia e informação que influenciam a educação, a autora afirma que Freitas cunha o termo neotecnicismo. A partir do núcleo da pedagogia tecnicista e com a inserção de avaliações de larga escala, currículos padronizados e sistemas de ensino, constrói-se “[...] uma nova proposta de política educacional que potencializa seu poder de penetração no sistema público de ensino pela via da accountability meritocrática e da privatização (tanto do processo educativo quanto da gestão da escola)” (Silva, 2022, p. 88).

Mais recentemente, com o avanço das reformas neoliberais e das tecnologias na educação, Freitas (2018, p. 105) aponta que o neotecnicismo passa a redefinir “[...] o próprio trabalho do professor e do aluno, tornando-os dependentes de um processo tecnológico que comanda, por si, o quê, quando e como se ensina”. Verifica-se que há uma ressignificação não apenas do trabalho docente, mas também do papel dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem mediado pelas tecnologias.

O autor também aponta os interesses do setor empresarial na hegemonização do neotecnicismo e mercantilização da educação a partir das plataformas digitais educacionais, que “[...] expropria o trabalho vivo do magistério e o transpõe como trabalho morto no interior de manuais impressos e/ou plataformas de aprendizagem” (Freitas, 2018, p. 105).

Com o advento da pandemia e a ampliação da utilização de plataformas na educação, Freitas (2021) passa a adotar o conceito de neotecnicismo digital, que incorpora as teorias da responsabilização por metas e da escolha pública:

Juntas, estas teorias reformulam os espaços e tempos educativos: a primeira, responsabilização por metas, apoiando-se agora em novas tecnologias de informação e comunicação, virtualiza e amplia o controle dos objetivos, conteúdos e processos educativos sobre o magistério, incorporando no trabalho pedagógico, via bases nacionais, as demandas que a crise do capitalismo vai impondo ao mundo do trabalho 4.0; a segunda, a teoria da escolha pública, coloca em marcha variados processos de privatização da educação com vistas a retirar a educação do âmbito do Estado e colocá-la em mãos seguras: o empresariado (Freitas, 2021, s. p.).

Assim, pressionados por plataformas privadas dentro das redes públicas, professores se tornam cada vez mais reféns do cumprimento de metas, aumentando sua responsabilização e a precarização do trabalho. Barbosa e Alves (2023, p. 10) afirmam que, no processo de ensino-aprendizagem, as plataformas têm o “[...] sentido atribuído às máquinas de ensinar de Skinner, o que reconfigura a relação professor/a-

aluno/a, delineados por estímulos de recompensas e punições, no anseio de atingir o grau máximo de controle e domínio dos processos pedagógicos”.

Nesse sentido, destaca-se que diversas plataformas utilizam como estratégia a gamificação na tentativa de aumentar o engajamento dos estudantes. Utilizando a mecânica e estética de um jogo, como pontos, fases, missões, recompensas, ranqueamento, entre outros, o conhecimento tornar-se-ia mais palatável a uma geração que cresceu desde cedo em contato com jogos eletrônicos.

Naujack (2023, p. 144) aponta que a gamificação tem sido utilizada de maneira reducionista, com repetição e massificação do ensino. Por isso, sustenta que a plataformização tem estimulado “[...] o individualismo, a competição e a aplicação de princípios de skinnerização dentro do ideário neoliberal”. Em vez de práticas educativas colaborativas e a construção de um pensamento crítico, a plataformização e gamificação aprofundam a racionalidade individualista e competitiva neoliberal.

Ainda em relação ao processo de ensino-aprendizagem, é interessante aprofundar o conceito do cibertecnicismo discutido por Pimentel e Carvalho (2022, p. 3):

Por cibertecnicismo nos referimos a uma abordagem didático-pedagógica em que os processos educacionais são semi ou totalmente automatizados por meio de técnicas e tecnologias digitais em rede – como plataformização, youtuberização, gamificação, algoritmização, dataficação, entre outras –, de modo que estudante-e-computador formem um sistema capaz de aprender autonomamente, como se técnicas-e-tecnologias fossem o timoneiro de um “sistema fechado” que dispensa a atuação de humanos externos: as/os professoras/es.

Para os autores, o cibertecnicismo busca automatizar a aprendizagem dispensando ao máximo a atuação dos professores. A aprendizagem ocorreria num sistema autônomo formado pelo estudante e a tecnologia. Desse modo, as plataformas educacionais seguem os mesmos princípios do tecnicismo, numa nova roupagem tecnológica.

Logo, é possível notar diversas transformações no processo de ensino-aprendizagem com a plataformização. Com raízes no tecnicismo, as plataformas digitais educacionais são as novas máquinas de aprender, como aquelas desenvolvidas por Skinner. Essa maquinaria educacional digital, trabalho morto, tem como tendência a massificação, controle, automação e individualização da instrução, resignificando e reduzindo a mediação humana, o trabalho vivo. Ao mesmo tempo, direciona a educação para o atingimento de metas e índices em avaliações externas e na formação de um novo tipo de trabalhador de acordo com as demandas do capital.

Trata-se de uma estratégia de negócios da financeirização, não apenas das corporações educacionais e *edtechs*, mas também das *bigtechs*, que buscam apropriar-se do fundo público, ampliar seus lucros e valorização acionária através da venda e utilização de suas plataformas na rede pública, ou seja, da mercantilização da educação. Tal tarefa é articulada com o Estado e outras organizações e instituições privadas, e resulta na extração de dados (datificação) e diversas implicações no trabalho docente, como a retirada de autonomia, expropriação dos conhecimentos docentes e intensificação do trabalho (Lopes, 2023; Leher, 2023).

CONCLUSÕES

Conforme se verifica nos dados apresentados anteriormente, é possível constatar um avanço no processo articulado de plataformização e financeirização da educação nas redes públicas estaduais. Constatamos a presença de *bigtechs*, mas também corporações educacionais financeirizadas e *edtechs* com investimentos de capitais financeiros, sejam eles provenientes de fundos brasileiros ou estrangeiros.

Como visto, tais processos são mais acentuados em algumas redes estaduais, como no caso de Paraná, São Paulo, Ceará e Mato Grosso, com utilização em alguns casos de plataformas de tratamento massivo de dados, propiciando maior controle e vigilância sobre o trabalho docente em tempo real, como também plataformas de aprendizagem que disponibilizam conteúdos, atividades, videoaulas, jogos e simulados prontos, com apoio de IA e algoritmos, transformando o processo de ensino-aprendizagem.

Ademais, a promessa de melhora nos índices de avaliação – diga-se, não comprovada – a partir do treinamento individualizado dos estudantes, reforça a lógica tecnicista, performática e competitiva na educação brasileira. Simultaneamente, esses processos massificam a educação e transformam o papel dos professores dificultando a construção do pensamento crítico pelos estudantes e educadores.

Por fim, é possível apontar que a comercialização de plataformas educacionais tem sido utilizada como estratégia de negócios das *edtechs*, *bigtechs* e corporações educacionais financeirizadas. A maximização do lucro e valor acionário, finalidade precípua dessas corporações, vem ocorrendo pela apropriação do fundo público, a partir de contratos firmados com secretarias estaduais de educação ou ainda com a obtenção massiva de dados. Mesmo que os serviços sejam ofertados “gratuitamente” em alguns casos, em troca, há a captura e o processamento de dados de milhões de estudantes e professores das redes estaduais, com opacidade sobre sua utilização.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba – FAPESQ pela concessão de bolsa de mestrado no Edital nº 49/2024, a qual contribuiu para a realização da presente pesquisa.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não haver qualquer potencial conflito de interesse que possa interferir na imparcialidade deste trabalho científico.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Uberização do trabalho e capitalismo de plataforma: uma nova era de desantropomorfização do trabalho? *Análise Social*, Lisboa, v. 58, n. 248, p. 512–532, 2023. DOI: <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2023248.04>. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/33535>. Acesso em: 7 out. 2024.

ARAÚJO, Rhoberta Santana de. Financeirização do ensino superior privado mercantil: a atuação da Cogna/Kroton educação no estado da Paraíba. **Revista Cocar**, Belém, Edição Especial nº 20, p. 1-15, 10 nov. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7550>. Acesso em: 10 abr. 2024.

ÁRVORE. **Livros infantis e juvenis**. Disponível em: <https://www.arvore.com.br/>. Acesso em: 11 mar. 2025.

BALIEIRO, Luan Tarlau. **Educação e capitalismo de plataforma**: Digitalização e conectividade rizomática no ensino - a virtualidade em tela. 2022. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022. Disponível em: <https://ppe.uem.br/teses-e-dissertacoes-1/dissertacoes/2022/2022-luan-tarlau-balieiro.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2024

BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. **Financeirização, crise, educação: considerações preliminares**. Texto para discussão. IE/UNICAMP, Campinas, v. 217, p. 1-22, 2013. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3256/TD217.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2024.

BLANDY, Beatriz de Azevedo; DOWBOR, Ladislau. Impactos da financeirização da educação brasileira: do Ensino Superior ao ciclo básico. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos – SP, v. 14, n. 36, p. 801–825, 2023. DOI: <https://doi.org/10.58422/repesq.2022.e1335>. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1335>. Acesso em: 8 jun. 2024.

BLOOMBERG LÍNEA. Aquisição de cientista da computação cria um gigante no ensino da tecnologia. **Bloomberg Línea**, 18 ago. 2022. Disponível em: <https://www.bloomberglinea.com.br/2022/08/18/aquisicao-de-cientista-da-computacao-cria-um-gigante-no-ensino-da-tecnologia/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRAGA, Lúcio Dias. **O Google Workspace for Education (GWE): Capital, Trabalho e Educação - Plataformização da Educação e Hegemonia do Capital**. 2023. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/30410?show=full>. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011**. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 dez. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm Acesso em: 20 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação fecha acordo com Google para oferta de ferramentas educacionais. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 15 jun. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2022-06/mec-fecha-acordo-com-google-para-oferta-de-ferramentas-educacionais>. Acesso em: 27 fev. 2025.

BRESSAN, Lucas; ALVIM, Renata Baía Afonso Rego. Histórico e as novas fronteiras da financeirização do ensino superior privado no Brasil. *In*: LAVINAS, Lena; MARTINS, Norberto Montaqni; GONÇALVES, Guilherme Leite; VAN WAEYENBERGE, Elisa (orgs.). **Financeirização: crise, estagnação e desigualdade**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2024. p. 438-459. *E-book*.

CANVA arranges US\$1 billion stock sale for employees, investors. Contxto, 15 set. 2023. Disponível em: <https://contxto.com/pt-br/capital-de-risco/canva-arranges-1-billion-stock-sale-for-employees-investors/>. Acesso em: 11 mar. 2025.

CIEB-CENTRO DE INOVAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA. **Mapeamento Edtech 2020: investigação sobre as tecnologias educacionais brasileiras**. "Centro de Inovação para a Educação Brasileira" (OEB), 2020. Disponível em: https://cieb.net.br/wp-content/uploads/2021/04/Mapeamento-Edtech-2020_web.pdf. Acesso em: 19 maio 2025.

CRUZ, Leonardo; VENTURINI, Jamila Rodrigues. Neoliberalismo e crise: o avanço silencioso do capitalismo de vigilância na educação brasileira durante a pandemia da Covid-19. **Revista Brasileira de Informática na Educação** - RBIE, Porto Alegre, v. 28, pp. 1060-1085, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5753/rbie.2020.28.0.1060>. Disponível em: <http://milanesa.ime.usp.br/rbie/index.php/rbie/article/view/v28p1060> Acesso em: 4 jun. 2024.

DEUS, Renan William Silva de. **Plataforma “Inglês Paraná”: representações, discursos e ideologias**. 2024. 123 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/items/60d5e4f1-08f9-4a3f-8ba1-d3b490f8a3a5>. Acesso em: 15 nov. 2024.

DOWBOR, Ladislau. **O capitalismo se desloca**. São Paulo: SESC São Paulo, 2020. Disponível em: <https://dowbor.org/2020/05/debate-livro-novo-o-capitalismo-se-desloca-novas-arquiteturas-sociais-ladislau-dowbor-e-antonio-martins-edicoes-sesc-26-05-16h.html>. Acesso em: 30 abr. 2024.

ESTANTE MÁGICA recebe investimento. **Fusões & Aquisições**, 18 ago. 2023. Disponível em: <https://fusoesaquisicoes.com/acontece-no-setor/estante-magica-recebe-investimento/>. Acesso em: 27 fev. 2025.

ESTANTE MÁGICA. **Estante Mágica**. Disponível em: <https://estantemagica.com.br/>. Acesso em: 11 mar. 2025.

FEDER, Renato. **Educação para o futuro: o passo a passo para construir uma gestão educacional focada em resultados**. São Paulo: Editora Gente, 2023. *E-book Kindle*.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FREITAS, Luiz Carlos de. Neotecnismo digital. **Avaliação Educacional-Blog do Freitas**, 11 jul.2021. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/2021/07/11/neotecnismo-digital/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

INFOMONEY. Edtech brasileira Letrus arrecada R\$ 3,6 milhões em rodada de investimento. **InfoMoney**, 2023. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/business/edtech-brasileira-letrus-arrecada-r-36-milhoes-em-rodada-de-investimento/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

INSTITUTO TRICONTINENTAL DE PESQUISA SOCIAL. **A educação brasileira na bolsa de valores: impactos da pandemia e do capital**. São Paulo: Expressão Popular, 2023. Disponível em: https://expressaopopular.com.br/wp-content/uploads/2024/03/a-educacao-brasileira-na-bolsa-baixa.pdf?utm_campaign=livro_completo&utm_id=a-educacao-brasileira-na-bolsa-de-valores-impactos-da-pandemia-e-do-capital-disponivel- apenas-em-pdf Acesso em: 22 maio 2025.

ISRAEL, Carolina Batista. **Plataformas educacionais: o ensino digital como insumo para o mercado de dados** [Apresentação em PDF], Curitiba/PR, 2023, Seminário Educacional “Plataformização da educação: um debate necessário”. Disponível em: <https://appsindicato.org.br/wp-content/uploads/2023/07/plataformas-educacionais.pdf> . Acesso em: 18 jul. 2025.

LEHER, Roberto. Mercantilização da Educação Básica, sistemas de ensino e plataformas de trabalho como expressões da pedagogia do capital. **PARADIGMA**, Maracay, VEN, v. 44, n. 5, p. 34-60, 2023. DOI: [10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2023.p34-60.id1495](https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2023.p34-60.id1495). Disponível em: <http://revistaparadigma.online/ojs/index.php/paradigma/article/view/1495/1320>. Acesso em: 8 abr. 2024. LETRUS. **Letrus: Transformando a escrita no Brasil**. Disponível em: <https://www.letrus.com/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LOPES, Gabriel Henrique de Oliveira. **Um olhar sobre as big techs na educação pública: o caso Google For Education na rede de educação básica paulista**. 2023. 201 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/42388c8c-a853-4aa1-b984-82d8686a9155>. Acesso em: 15 nov. 2024.

LUCA, Cindy Mayumi Okamoto. **Políticas para formação continuada de professores da educação básica: atuação da plataforma “Nova Escola”**. 2023. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2023. Disponível em: <https://ppe.uem.br/teses-e-dissertacoes-1/dissertacoes/2023/2023-cindy-mayumi-okamoto-lucca.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2024.

MALLMANN, Elena Maria. A Vulgarização da Inovação nas Políticas Públicas e a Hegemonia Proprietária na Plataformização da Educação Pública. **Revista Paradigma**, Maracay, VEN, v. XLIV, Edição Temática n. 4: Políticas Educacionais em Tiempos de Mercantilización, p. 542-568, sept. 2023. DOI: <https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2023.p542-568.id1516>. Disponível em: <https://revistaparadigma.com.br/index.php/paradigma/article/view/1516>. Acesso em: 30 jul. 2024.

MASCARENHAS, Natasha. Tiger Global leads \$31.5 million investment in interactive edtech Quizizz. **TechCrunch**, 29 jun. 2021. Disponível em: <https://techcrunch.com/2021/06/29/tiger-global-leads-31-5-million-investment-in-interactive-edtech-quizizz/>. Acesso em: 7 mar. 2025

ME SALVA!. **Me Salva! – Plataforma de estudos**. Disponível em: <https://www.mesalva.com>. Acesso em: 13 maio 2025.

MICROSOFT NEWS. Fundo BR Startups investirá R\$ 25 milhões na Árvore Educação. **Microsoft News**, 2023. Disponível em: <https://news.microsoft.com/pt-br/fundo-br-startups-investira-r-25-milhoes-na-arvore-educacao/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

NAUIACK, Catarina Portinho. **De volta para tempos modernos: a incompatibilidade programática entre competência digital e plataformização do ensino**. 2023. 235 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/85925>. Acesso em: 15 nov. 2024.

ODILO. Brasil anuncia plano de crescimento após investimento de US\$ 64 milhões. **R7 (Folha Vitória)**, 27 jun. 2022. Disponível em: <https://noticias.r7.com/cidades/folha-vitoria/odilo-brasil-anuncia-plano-de-crescimento-apos-investimento-de-us-64-milhoes-27062022/>. Acesso em: 11 mar. 2025.

PAULANI, Leda Maria. Sobreacumulação, financeirização, rentismo e assetização. In: LAVINAS, Lena; MARTINS, Norberto Montaqni; GONÇALVES, Guilherme Leite; VAN WAEYENBERGE, Elisa (orgs.). **Financeirização: crise, estagnação e desigualdade**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2024. p. 76-109. *E-book*

PARANÁ, Edemilson. Platform studies and the finance-technology nexus: For a “genetic” approach. **Platforms & Society**, v. 1, 2024. DOI:<https://doi.org/10.1177/29768624241286779>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/29768624241286779>. Acesso em: 28 out.2024.

PIANUCCI, Thais; SILVEIRA, Guilherme. Alura Start: Transformando a Educação nas Escolas do Brasil. **Alura**, 5 out. 2023. Disponível em: <https://www.alura.com.br/artigos/alura-start-transformando-educacao-escolas>. Acesso em: 10 mar. 2025.

PIMENTEL, Mariano; CARVALHO, Felipe. Cibertecnicismo. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 31, n. jan/dez, p. 1–22, 2022. DOI: <https://doi.org/10.29286/rep.v31ijan/dez.13919>. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/13919>. Acesso em: 15 nov. 2024.

POELL, Thomas, NIEBORG, David; VAN DJICK, José. Plataformização (Platformisation, 2019 – tradução: Rafael Grohmann). **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 22, n. 1, p.2-10, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01>. Acesso em: 23 jun. 2024.

PROESC, edtech do Amapá fundada em 2008, acaba de captar seu primeiro investimento; conheça. **Exame**, 29 set. 2023. Disponível em: <https://exame.com/negocios/proesc-edtech-do-amapa-fundada-em-2008-acaba-de-captar-seu-primeiro-investimento-conheca/>. Acesso em: 27 fev. 2025.

RODRIGUES, Luciana. **Plataformização da educação: impactos e desafios no trabalho do professor do Estado do Paraná**. 2024. 103 f. Dissertação (Mestrado em Formação Docente Interdisciplinar) - Universidade Estadual do Paraná, Paranavaí, 2024. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=15006516. Acesso em: 15 nov. 2024.

SANTOS, Maria Rosimary Soares dos; ARAÚJO, Rhoberta Santana de. Mercantilização e financeirização do setor educacional privado-mercantil no Brasil: feições da crise da educação brasileira. **Educação**, Cuiabá, v. 48, n. 1, p. e107/1–27, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984644469525>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/69525>. Acesso em: 14 out. 2024.

SAVIANI, Dermeval. **Histórias das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 4.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SILVA, Paula Alves Pereira. **EdTech e a plataformização da educação**. 2022. 114 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/19281>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SEKI, Alan Kenji. Relações entre capitais de ensino, monetários e tecnologias educacionais digitais: um estudo de caso da Arco Educação. **Revista Cocar**, Belém, Edição Especial n. 20, p. 1-25, 10 nov. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7499>. Acesso em: 12 abr. 2024.

SOLUÇÕES Moderna. **Aprova Brasil**. Disponível em: <https://solucoesmoderna.com.br/produto/aprova-brasil/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

STARTUPI. Proesc recebe R\$ 8 milhões de investimento para transformar gestão de instituições de ensino de 5 países. **Startupi**, 16 mar. 2023. Disponível em: <https://startupi.com.br/proesc-recebe-investimento/>. Acesso em: 15 out. 2025.

STOODI. **Stoodi**. Disponível em: <https://stodi.com.br/>. Acesso em: 13 maio 2025.

VAN DIJCK, J.; POELL, T. Social media platforms and education. *In*: BURGESS, Jean; MARWICK, Alice; POELL, Thomas (orgs.). **The SAGE handbook of social media**. London: Sage, 2018. p. 579–591. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3091630. Acesso em: 16 jan. 2025.

VASTA PLATFORM LIMITED. **Relatório de Sustentabilidade 2023**. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://ir.vastaplatform.com>. Acesso em: 28 fev. 2025.

VIEGAS, Moacir Fernando. Plataformização do trabalho docente na educação básica: uma revisão de literatura sob o prisma do gênero e do cuidado. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 16, n. 1, p. 961–980, 2024. DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v16i1.57826>. Disponível

em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/57826>. Acesso em: 5 ago. 2024

Submetido: 15/10/2025
Correções: 17/11/2025
Aceite Final: 26/02/2026